

Podcast Rio Memórias

Ep 1: Chegadas e renascimentos

Roteiro

Locução (Gabi)

Locuções adicionais (Rodrigo)

Áudios, ilustrações e efeitos sonoros

Entrevista

Gravações externas

Música

===

[INÍCIO DO EPISÓDIO 1]

[MÚSICA] 1

Música quebrada, pontual, não contínua. Ela sai e volta, intercalando com as falas nessa abertura do episódio. Ela é contundente, mas no início pode ter poucos instrumentos (lá no fim da abertura ela vai se transformar no tema da temporada). No início, ela funciona como vírgulas incisivas entre as falas, mas também pode aparecer no fundo de algumas falas.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[5:53 a 6:10]

A travessia no Atlântico, a travessia da Calunga Grande, como os centro-africanos, ou seja, ambundos, bacongós, ovimbundos, entendiam o grande oceano, ou seja, a Calunga, a terra dos mortos, a linha que dividia o mundo dos vivos e dos mortos... era extremamente traumática.

[ÁUDIO]

Som do mar. Água batendo forte no navio de madeira.

Esse som começa a subir no fim da fala anterior, ganha força, fica um pouco, sem pressa, e vai sumindo bem devagar.

[MÚSICA] 1

A música continua nessa pegada não contínua, pontuando entre as falas.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[8:52 a 9:03]

Porém, ela é um ponto na vida desses africanos que vão se reinventar por completo aqui nas Américas e principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

[MÚSICA] 1

Aqui a música pode acrescentar elementos de batuque.

[ÁUDIO]

Enquanto o som do mar vai sumindo, começa a surgir o som ambiente dos zungus. Pode ser uma sonorização parecida com a que já usamos para mostrar os cortiços: portão de ferro abrindo, pessoas falando ao fundo. Esse som fica pouco tempo e continua no fundo da próxima fala:

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[9:05 a 9:25]

A ponto de conseguirem construir, fazer da escravidão, por exemplo, um período transitório nas suas vidas, vão conseguir comprar suas liberdades, vão conseguir participar de irmandades, vão conseguir dinamizar a vida da cidade... africanizar a cidade.

[ÁUDIO]

Segue o som ambiente dos zungus.

[MÚSICA] 1

A música pontua novamente o intervalo.



[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[9:44 a 9:48]

Essa civilização chega pós essa passagem degradante.

[9:59 a 10:03]

Mas esse pós existiu e essas pessoas se reinventaram.

[MÚSICA] 1

Aqui a música vira e ganha corpo para se transformar no tema da temporada. Ela fica um pouco, sem pressa, deixa a música tocar um pouco. Depois entra a Gabi, e a música segue no fundo.

[LOCUÇÃO]

A colonização europeia foi um projeto de dominação de territórios e vidas. Um projeto que se arrastou por séculos. Durante esse tempo, milhões de pessoas cruzaram o oceano Atlântico e encontraram no Rio de Janeiro a principal porta de entrada do Brasil.

[LOCUÇÃO]

Enquanto os europeus chegavam pra impor a sua visão de mundo e passavam por cima de quem eles não conheciam e não entendiam... os africanos, trazidos à força, eram jogados nesse encontro compulsório e violento com o Rio. Eles foram os braços e as pernas que mudaram as relações urbanas na capital do império. Mas também trouxeram um novo jeito de enxergar o mundo, construir redes, e se unir em resistência.

[MÚSICA] 1

Sobe a música. Aqui já é totalmente o tema da temporada.

[LOCUÇÃO]

Eu sou a Gabriela Montoni, e essa é a quinta temporada do podcast Rio Memórias. Uma viagem inspirada pela galeria Rio Atlântico, do nosso museu virtual, que você pode visitar em riomemorias.com.br.

[LOCUÇÃO]

A margem no outro lado do mar, a travessia traumática, a chegada no porto.



[LOCUÇÃO]

As estratégias de sobrevivência, os fluxos migratórios e as heranças culturais.

[LOCUÇÃO]

Em seis episódios imersivos, a gente vai te colocar dentro dessa cidade forjada pelo oceano.

[MÚSICA] 1

Sobe a música. Fica um pouco, sem pressa, e termina.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 1: Um Rio feito de nações.

[ÁUDIO]

Clipe misturando frases curtas em português, tupi-guarani, inglês, espanhol, holandês, francês, alemão, romani (ciganos), árabe, mandarim. Começa subindo o som durante a leitura de capítulo e ainda fica um pouco no fundo da locução da Gabi.

[LOCUÇÃO]

Se você tá achando confuso esse caldeirão de idiomas, imagina o caos que começou a se formar no fim do século 15, com o domínio das técnicas navais e das rotas pra atravessar o Atlântico. A lógica ali era conseguir o máximo de riqueza com a exploração de recursos naturais, mercadorias e mão de obra humana.

[LOCUÇÃO]

Ao longo dos séculos, esse método colocou na mesma panela uma infinidade de povos e culturas diferentes. O Rio de Janeiro foi invadido pelos colonizadores portugueses, por outros europeus como franceses e holandeses, e não só por eles. A cidade passou a receber ciganos, árabes, judeus... todos chegando pelo Atlântico. Mas nem todos chegando do mesmo jeito, né?

[MÚSICA] 2

Tema para apresentar o entrevistado.

Começa minimalista.



[LOCUÇÃO]

Milhões de africanos vieram pro Brasil, a maioria nos porões dos navios. Esse número varia: estudiosos falam em 1 milhão, 3 milhões, 5 milhões. No próximo episódio a gente vai falar mais sobre essa travessia. Foi uma dominação não só dos corpos, mas também uma tentativa de dominação dos espíritos.

[LOCUÇÃO]

De um lado, os colonizadores querendo exterminar subjetividades e visões de mundo diferentes das suas. Do outro lado, os indígenas e os africanos escravizados tentando sobreviver e manter as suas culturas. Pra entender a violência e a complexidade desse embate, eu vou contar com a ajuda de quem estuda o tema profundamente.

[MÚSICA] 2

Pequena virada no tema.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[0:19 a 0:29]

Bom, sou Eduardo Possidônio, professor de História da Rede Pública do Ensino Básico da Prefeitura do Rio e da Secretaria Estadual de Educação, ou seja, do Ensino Médio.

[LOCUÇÃO]

Agora você já sabe de quem é aquela voz que você ouviu lá no começo do episódio.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[0:29 a 0:35]

Trabalho também com a pós-graduação do Instituto Pretos Novos, o IPN, com História da África.

[0:43 a 0:56]

E atualmente sou pesquisador ligado ao Museu da República, cuidando do Acervo Nosso Sagrado, esse acervo importante de 529 peças que foi transferido em 2020 para o Museu da República. E hoje eu venho tratando da parte histórica desse acervo.

[LOCUÇÃO]

O professor Eduardo vai ajudar a gente a entender como milhões de africanos e africanas chegaram ao Rio de Janeiro de maneira forçada, se estabeleceram na cidade e atravessaram um processo doloroso de renascimento.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[6:46 a 6:55]

Quando você é colocado num navio negreiro e cruza o Atlântico, esse é um momento de grande incerteza.

[LOCUÇÃO]

E essa incerteza vai se transformando em luta por sobrevivência. Porque conforme os séculos avançam, a economia cresce baseada no trabalho escravo. O historiador Flávio Gomes cita num artigo que, em 1627, o Rio de Janeiro e as suas freguesias rurais tinham 40 engenhos. Nas primeiras décadas do século 18, já eram 136...

[MÚSICA] 2

Fim da música.

[ÁUDIO]

Página virando

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Eles estavam localizados nas cercanias da cidade, próximo ao eixo urbano, ou então nas regiões de Jacarepaguá, Inhaúma, Ilha do Governador, Irajá, Campo Grande e Guaratiba, freguesias nos subúrbios da cidade. Também eram encontrados nas áreas de Pilar, Marapicu, Iguaçu, Suruí, Guapimirim, Magé, Inhomirim e Jacutinga, no recôncavo da Guanabara. E havia ainda engenhos na chamada banda d'além, expressão utilizada nos séculos 16 e 17 para nomear as terras de São Gonçalo, Santo Antônio de Sá, Itaboraí, Itaipu, até Maricá, Saquarema e Cabo Frio.

[LOCUÇÃO]

A demanda cada vez maior por mão de obra escravizada fazia as embarcações cruzarem o Atlântico sem parar. Muitas saíam do porto de Luanda, atual capital de Angola. Nas três primeiras décadas do século 19, por exemplo, mais de 80% dos navios trazendo africanos pro Rio saíam da região Congo-Angola. Moçambique

também foi um ponto de origem muito relevante, com o porto de Quelimane. E logo na chegada as pessoas eram submetidas a uma reinvenção abrupta de identidade.

[ÁUDIO]

Página virando

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Em contextos diversos, africanos inventavam-se em termos de “nações” e outros arranjos, articulando-se em um extraordinário cenário atlântico.

[LOCUÇÃO]

Aqui de novo o artigo do Flávio Gomes.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Corpos, línguas e mentes eram remarcados permanentemente em termos sociais e étnicos. Debaixo de uma genérica categoria de “centro-africanos”, centenas de milhares de africanos e grupos embarcados ao sul, ao norte e ao centro da África Central desembarcaram e viveram no Rio de Janeiro, descobrindo novas identidades sociais além dessas locais, e já múltiplas, que se formaram ao longo de seu caminho de sofrimento em direção à costa.

[ÁUDIO]

Som do porto. Transportando caixas. Sino. Gaivotas ao fundo.
Fica no fundo dessa locução.

[LOCUÇÃO]

Ao longo do século 19, nenhuma outra população das Américas teve tantas pessoas escravizadas como a do Rio de Janeiro. Pessoas que trabalhavam no desembarque de mercadorias na região da Alfândega, na limpeza e no calçamento das ruas, até na contenção de incêndios. Eram padeiros, ferreiros, boticários, marceneiros, barbeiros, cozinheiras, quituteiras. Esse contingente de escravizados já passava de 100 mil pessoas em 1780, e triplicou para quase 300 mil em 1872. Gente que na maioria das vezes saía da África com uma identidade e chegava nas Américas com outra.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[2:05 a 3:14]

Para pensar os dois maiores portos, o maior porto de embarque de cativos, que é o Porto de São Paulo de Assumpção de Luanda, e para pra pensar no Porto do Rio, que é o maior porto de recebimento desses escravizados que para cá vieram, ~~para as Américas, para as diferentes Américas~~, a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios, por exemplo, em Luanda, era a que batizava coletivamente toda a carga, como assim era chamada, para ser embarcada dos presídios e depois embarcada para ser vendida pro Rio de Janeiro e para outros portos. É a graça, como era chamada nas fontes históricas, era dada quando desembarcava nas cidades portuárias brasileiras. Aqui, geralmente, no Rio de Janeiro, era Candelária e outras freguesias importantes aqui do centro da cidade do Rio. Para quem nos ouve, a gente está falando da região central do Rio de Janeiro hoje, o Centro Administrativo do Rio de Janeiro. Então, essas principais igrejas do centro do Rio eram o momento em que se recebia a chamada graça, ou seja, o nome.

[LOCUÇÃO]

A origem de cada indivíduo ficava pra trás.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[3:15 a 3:57]

E esse nome era, na maioria das vezes, um nome cristão ligado ao porto de embarque. Então, sim, se perdia a origem, a gente não está falando de grupos étnicos, ou seja, não se chamava esse africano quando ele chegava aqui pelo grupo de onde ele saiu, o interior de onde ele saiu, a região de onde ele foi capturado, aprisionado em alguma guerra, em algum conflito, e sim o porto de embarque dele, o nome cristão seguido do nome do porto de embarque dele. Então, sim, isso para um africano é uma violência, porém, a gente está falando de um povo que ressignifica muito a sua história.

[LOCUÇÃO]

Ressignificar a história era necessário, porque esse novo batismo fragmentava a geografia africana e agrupava todas aquelas pessoas em denominações genéricas. Quem saía dos portos do lado ocidental da África, na costa dos atuais Togo, Nigéria, Gana e Benin, geralmente era denominado como mina. Quem vinha dos portos centrais era classificado como angola, congo, ganguela, luanda, monjolo. Essa

generalização era a regra nos registros de entrada no Brasil. Mas isso também foi transformado em estratégia de união.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[4:41 a 5:22]

Então, da mesma maneira que você tem uma violência inicial, você tem uma ressignificação disso, e isso também vai ser interessante para a gente perceber mais tarde como esses africanos vão se reunindo através desse grande guarda-chuva. Ah, ele é Mina, então você vai ter ali um grupo de Minas se reunindo. Ah, ele é Angola, por conta exatamente do porto de embarque. Então eles vão se reunindo, e até mesmo pelas línguas muito próximas que se falavam. Então, essa reinvenção vai ser constante aqui na diáspora, e essa parte do nome não deixa de ser uma das tantas reinvenções que esses povos souberam fazer aqui no Brasil.

[MÚSICA] 3

Tema de transição de capítulo.

[LOCUÇÃO]

Mesmo com essas reinvenções, não tinha jeito: a chegada no porto era o início de uma saudade sem cura.

[MÚSICA] 3

Fica um pouco a música.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 2: A tristeza nostálgica do banzo.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo Episódio Cais do Valongo]

[3:31 a 3:40]

- Trecho do episódio, com Eliana Alves Cruz dizendo: “Bem, estamos aqui no Cais do Valongo, né, no antigo Cais do Valongo, é um lugar muito emblemático” [o restante da frase até 3:45 fica no fundo da locução da Gabi]

[LOCUÇÃO]



Se você é ouvinte do Rio Memórias, você lembra que lá no último episódio da segunda temporada, a gente levou a escritora Eliana Alves Cruz até o sítio arqueológico do Cais do Valongo, no Centro do Rio, pra conversar sobre o maior porto de entrada de africanos escravizados das Américas. Se você não ouviu, depois volta lá nesse episódio.

[ÁUDIO]

[Na pasta Ilustrações, arquivo Episódio Cais do Valongo]

[32:41 a 32:48]

- Eliana: Toda vez que eu venho aqui, eu tenho vontade de pular essa cerca, tirar o sapato e pisar ali **[depois o volume baixa e vai sumindo até 32:52 no fundo da locução da Gabi]**

[LOCUÇÃO]

Antes do Cais do Valongo, o desembarque era feito no Cais do Porto no Largo do Carmo, na região que hoje a gente conhece como a Praça XV. Aí vem um processo que percorre toda a história do Rio de Janeiro e quase sempre ignora a população mais pobre: as reformas sanitárias.

SONORIZAÇÃO NOVA

[ÁUDIO]

Som do porto, da cidade, pessoas circulando.
Fica no fundo das locuções seguintes

[LOCUÇÃO]

A presença do comércio escravagista ali no coração da cidade começou a deixar a elite branca desconfortável. E o que chocava não era o horror da escravidão. Era o fato de que aquelas pessoas podiam ser vetores de doenças. A sociedade carioca não queria que o comércio humano se misturasse à paisagem da área mais nobre da cidade.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[24:22 a 24:38]

O desembarque é extremamente desumano. A gente está falando de pessoas esqueléticas, magras, doentes, desembarcando, e o desembarque se dava na frente do Paço, ou seja, na sede administrativa, na sede do vice-rei.

SONORIZAÇÃO NOVA

[ÁUDIO]

Som de madeira rangendo e pessoas caminhando (ponte de madeira no desembarque).

O som do porto continua no fundo das locuções até entrar a música.

[LOCUÇÃO]

A partir de 1774, o desembarque de escravizados passou a ser feito numa ponte de madeira improvisada na freguesia de Santa Rita, no litoral norte. E em 1811 foi construído de fato o ancoradouro do Cais do Valongo. Por ali entraram cerca de 1 milhão de africanos.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[25:08 a 25:58]

Por se tratar de fato de uma cena extremamente indigna, e principalmente porque na virada do 18 para o 19, a gente está mudando de ciclo econômico no Brasil, ou seja, a gente está saindo do ciclo aurífero para entrar na produção cafeeira, acompanhado de uma pressão muito grande externa para o fim do tráfico, ou seja, você tem essa mudança do desembarque para o Valongo, e é um momento de maior aporte, ou seja, é um momento em que esse tráfico cresce assustadoramente, que são as primeiras décadas do século 19.

[26:03 a 26:14]

Até ele ser fechado, ele vai se tornar o maior porto de desembarque porque o início do século 19 é um momento assustador pra essa chegada, para essa travessia no Atlântico.

[LOCUÇÃO]

Os africanos recém-chegados, chamados de pretos-novos, tinham que passar por um período de quarentena, pra evitar a proliferação de doenças. No século 18, esse isolamento era feito na Ilha do Bom Jesus, nas dependências dos franciscanos.

SONORIZAÇÃO NOVA

[ÁUDIO]

Som de porta abrindo e pessoas andando.

O som ambiente segue até a entrada da música.

[LOCUÇÃO]

Com a criação do Cais do Valongo, a quarentena passou a ser feita no lazareto, atrás do Monte da Saúde, na Gamboa. Os que não resistiam eram enterrados no cemitério dos Pretos-Novos, que na verdade não era um cemitério, era uma vala comum. Os que se recuperavam eram enviados pra serem vendidos, mas muitos ainda precisavam ganhar peso e ficavam nos trapiches do Valongo.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[7:14 a 7:23]

Aqueles trapiches de engorda, onde eles desembarcavam e ficavam ali por um tempo esperando terem condições físicas de serem vendidos.

SONORIZAÇÃO NOVA

[ÁUDIO]

Aqui vai terminando o som ambiente, porque vai entrar a música.

[LOCUÇÃO]

O Eduardo Possidônio estudou viajantes estrangeiros que fizeram relatos na primeira metade do século 19.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[7:24 a 7:33]

Eu peguei um viajante inglês que ele erroneamente interpretou como se fosse uma grande festa acontecendo dentro daquele trapiche.

[7:48 a 8:20]

Pois bem, ali não havia espaço para alegria, era um momento da chegada, era um momento da incerteza. Então o que acontecia ali, muito provavelmente, e principalmente se aqueles africanos a qual ele se referia tivessem vindo, por exemplo, da África Centro-Occidental, estava acontecendo ali um entembe, estava acontecendo ali um ritual de culto aos mortos, de culto aos ancestrais, numa tentativa desesperada de reequilibrar a boa e a má sorte que era causada caso você se afastasse ao máximo desses seus ancestrais.

[MÚSICA] 4

Música para a apresentação do conceito de banzo. Fica um pouco, depois acompanha a locução da Gabi e a fala do Nei Lopes.

[LOCUÇÃO]

Você, que tá ouvindo, você percebe a quantidade de camadas de sofrimento aqui? Primeiro a pessoa tem que sobreviver à travessia do Atlântico, o que já não é nada fácil. Aí ela é rebatizada, tem que atravessar todo esse processo de recuperação... e o que vem depois é viver sob as ordens de alguém que vai ser o seu dono. Longe da sua origem, longe dos seus ancestrais. Um sentimento de tristeza nostálgica da pessoa expatriada que nunca mais vai ver a sua terra natal. Um sentimento que ganhou o nome de banzo.

[MÚSICA] 4

Virada na música, mas continua minimalista acompanhando a locução e fala do Nei Lopes.

[LOCUÇÃO]

O Nei Lopes, cantor, compositor e estudioso da cultura africana, incluiu a definição de banzo na sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana e no Novo Dicionário Banto do Brasil. Aqui ele explica o conceito num vídeo do Canal Enfrente:

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=cVUMBXbKNZI>

[0:31 a 0:55]

- Nei Lopes: O que é um banzo? Banzo é uma palavra do universo banto que traduz exatamente um sentimento que é muito comum na civilização moderna, que é o sentimento da solidão, um sentimento que leva à depressão. O banzo poderia tranquilamente ser traduzido como depressão física, espiritual, etc.

[LOCUÇÃO]

Pra enfrentar o banzo, o jeito era se unir aos companheiros de calunga.

[MÚSICA] 4

Música fica um pouco e emenda com o som ambiente.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

[Arquivo “Gravação igreja” na pasta Gravação externa. Arquivo já está editado no tempo certo da entrada das locuções]

Som ambiente de passos e burburinho do Centro do Rio.

Fica um pouco esse som ambiente.

Jamille: Eu tô caminhando aqui na Rua da Alfândega, no Centro do Rio.

[LOCUÇÃO]

Essa é a nossa produtora, a Jamille Bullé.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Jamille: E tô chegando aqui no número 219, onde fica uma igreja bem antiga, com uma porta grande e três janelinhas no alto.

[LOCUÇÃO]

Ela tá em frente à igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Jamille: E tá na hora da missa, vou entrar pra gente ouvir um pouquinho. Bora lá?

Padre: Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Irmãos e irmãs, rezamos hoje essa santa missa, nas seguintes intenções.

[LOCUÇÃO]

A igreja, que funciona até hoje no Centro da cidade, foi inaugurada em 1754, por uma irmandade religiosa de ex-escravizados, em devoção a esses dois santos católicos negros.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Padre: Muita significância, né, pra cultura dos negros, né, onde eles podiam ser quem eles eram de verdade, né, praticar a fé, a religiosidade em meio a tanta dor, tanto sofrimento.

[LOCUÇÃO]

Se a religião assassinava a identidade dos africanos com o batismo cristão no desembarque, também era pela religião que muitos se reconectavam longe de casa. Homens e mulheres negras formavam confrarias e irmandades que abrigavam africanos e seus descendentes, escravizados, livres ou libertos.

[LOCUÇÃO]

Foi assim com a irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia, uma pequena congregação criada em 1740 por pretos minas.

[GRAVAÇÃO EXTERNA]

Funcionárias: tem gente que sempre vem, tem gente que passa, para um pouquinho, vai embora, ela demora mais ou menos uma hora e quarenta minutos, entendeu?

Som ambiente vai sumindo bem lentamente no fundo da próxima locução.

[LOCUÇÃO]

Se por um lado os africanos tiveram que reinventar suas práticas religiosas pra sobreviver no Rio de Janeiro, por outro lado dá pra dizer que as irmandades criadas por pessoas negras africanizaram o catolicismo. A maior delas foi a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que começou no século 16 em Pernambuco, e chegou ao Rio, à Bahia e ao Pará no século 17. Na virada do 18 pro 19, já tinha irmandade do Rosário em Alagoas, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul.

[MÚSICA] 5

Música de transição.

[LOCUÇÃO]

Ali no século 19, o trabalho escravo numa cidade do tamanho do Rio de Janeiro já tinha uma dinâmica diferente de outras partes do Brasil.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[27:18 a 27:31]

A escravidão numa cidade como o Rio de Janeiro, como Recife, Salvador, era completamente diferente da escravidão no interior, da escravidão praticada dentro das fazendas.

[LOCUÇÃO]

O Rio já tinha o que se chamava na época de “escravo de ganho”. Ou seja, o escravizado que tinha um pouco mais de autonomia e podia trabalhar na cidade. Ele

vendia comida, prestava serviços remunerados, e parte dessa remuneração era repassada pro escravizador como um soldo ao fim de um período determinado. Muitas vezes o dinheiro era usado que sobrava pra comprar a própria alforria.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[27:33 a 27:55]

Pro cativo, como é chamado nesse contexto, que está inserido no mercado de ganho, ele ganha uma mobilidade muito grande. Primeiro, porque muitos deles viviam por si. O que é viver por si nesse contexto? É você não ter a necessidade de morar com o seu senhor.

[ÁUDIO]

Som da rua, burburinho.

Fica no fundo das próximas falas, e vai subindo o ambiente com sons específicos entre as falas.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[28:06 a 28:20]

Então esse escravo de ganho, essa escrava de ganho, essa negra de tabuleiro que está vendendo seus quitutes, a negra que está vendendo seu angu, que aparece tanto nas pinturas do Rugendas, do Debret, tantos outros viajantes.

[ÁUDIO]

Sobe o som de empilhando caixas.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[28:20 a 28:30]

O carregador que está aqui na frente do porto, recebendo e carregando caixas. Todo tipo de serviço.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7LM8>

[O samba da Viradouro vai surgindo no fundo da próxima fala (começa por volta de 0:50), e assim que acaba a fala sobe o som em 0:59]

[EDUARDO POSSIDÔNIO]



[29:14 a 29:26]

A Viradouro mostrou isso muito bem, naquele enredo lindo sobre as ganhadeiras, né? Ele fala: “Levanta, preta, que o sol está na janela, leva a gamela para o xaréu do pescador”, ou seja, leva a bandeja para pegar lá o peixe do pescador.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7LM8>

[0:59 a 1:13]

[Sobe o som nesse trecho]

Levanta, preta, que o sol tá na janela.

Leva a gamela pro xaréu do pescador.

A alforria se conquista com o ganho

e o balaio é do tamanho do suor do seu amor.

[continua a música no fundo, vai subir de novo após a próxima fala]

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[29:26 a 29:46]

“A alforria se conquista com o ganho e o balaio é do tamanho do suor do seu amor”. Ou seja, tem uma parte do samba que ele, inclusive, cita a criança que está ganhando, o erê herdou liberdade. Ou seja, essas mulheres conseguem comprar quando não a sua própria liberdade, elas conseguem libertar a próxima geração comprando a liberdade dos seus filhos.

[ÁUDIO]

<https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f7LM8>

[1:33 a 1:42]

[Sobe o som nesse trecho]

O erê herdou liberdade

Canto das marias, baixa do dendê

Chama a freguesia pro batuquejê

[Fica no fundo, sumindo ao longo da próxima fala]

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[29:46 a 29:59]



Essas mulheres conseguem fazer uma poupança com seus balangandãs. Aquilo ali é uma maneira de poupar. E são eles que conseguem circular livremente por dentro dos zungus.

[LOCUÇÃO]

Os zungus. Eu quero te levar pra dentro de um deles.

[ÁUDIO]

Portão de ferro abrindo.

Burburinho leve fica no fundo das falas.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Capítulo 3: A casa da reinvenção

[ÁUDIO]

Segue o burburinho leve no fundo das falas.

[LOCUÇÃO]

O Eduardo Possidônio também tá convidado pra vir com a gente.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[30:02 a 30:41]

Então era muito comum, como funcionavam os zungus nesse contexto? Eram diversos cômodos, uma casa que oferecia bebida, que oferecia música, que oferecia comida, e também quartos, oferecia acomodação. E era muito comum, era raro um zungu que não oferecesse também, porque a vida para essas pessoas... você não separava como hoje a gente tenta fazer e, infelizmente não separa, a vida civil da religiosa. As pessoas não separavam. Então dentro dos zungus você tem práticas sagradas acontecendo.

[ÁUDIO]

Entra um batuque de terreiro (tem link do youtube no ep1 da quarta temporada)

Segue o burburinho.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[31:04 a 31:32]

Muitos desses zungus serviram de base para a criação do que mais tarde a gente ia chamar aqui no Rio de Janeiro e no Brasil como um todo de terreiro, de barracão. Para quem conhece o centro histórico do Rio de Janeiro, mais tarde, depois desses zungus, o que a gente chama hoje de Rio Antigo, era o espaço onde essas primeiras casas religiosas foram se estabelecendo.

[LOCUÇÃO]

Essas casas eram comandadas por pessoas negras, muitas vezes africanas que tinham cruzado o Atlântico. E funcionavam como uma espécie de ponto de abastecimento cultural da população negra, seja escravizada ou livre. Ali, como disse o Eduardo, era possível reproduzir com alguma segurança as práticas religiosas vindas do continente africano e adaptadas para a realidade do Brasil..

[ÁUDIO]

Sobe o som do batuque.

[LOCUÇÃO]

Também dava para se alimentar com a culinária típica. E até a comida foi ressignificada. Alguns pratos nascem no Brasil como uma adaptação de costumes e hábitos, mas com ingredientes e utensílios encontrados na diáspora. Um elemento central naqueles espaços era o angu. Tem uma ilustração do Jean Baptiste-Debret que mostra mulheres negras servindo angu na rua em caldeirões de cobre enormes. O Debret descreve assim:

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

É ainda na classe das negras livres que se encontram as cozinheiras vendedoras de angu. Elas são encontradas nas praças ou em quitandas que também vendem legumes e frutas. A venda começa de manhã, lá pelas seis horas, e vai até às dez, continuando de meio-dia às duas, hora em que se reúnem em torno delas os operários escravos que não são alimentados por seus senhores. Vê-se também o escravo mais ou menos malvestido de uma família numerosa e pobre levar consigo, numa sopeira, uma porção de quatro vinténs, recoberta por uma folha de couve ou de mamona.

[LOCUÇÃO]



Com a criação dos zungus, as vendedoras de angu migram pra dentro dessas casas, que se tornam um lugar pra alimentar o corpo e a alma.

*** MARCAÇÃO

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[35:50 a 37:05]

Essas casas, que mais tarde vão se chamar de umbanda e candomblé aqui no Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, tá... elas são responsáveis principalmente pela arte e ofício de curar. E isso vai incomodar uma elite brasileira que está se formando. A gente está falando da classe dos médicos. A faculdade de medicina, que antes, no século 18, você precisava mandar seus filhos para Coimbra ou para outras universidades europeias, com a chegada da corte, você tem a instalação da Faculdade de Medicina em Salvador e aqui no Rio de Janeiro. Mas, médicos ao longo do século 19 não eram respeitados. Aliás, não eram respeitados nem entre eles. Se abrir os jornais do século 19, tem lá médico acusando. Aquele ali é o doutor Fura-bucho. E o outro, por sua vez, dizia, não, ele é o doutor Fura-uretra. E se degladiando na busca por clientela. E quem está angariando essas pessoas, quem está conseguindo alcançar a confiança dessas pessoas para a arte e o ofício de curar? Pais e mães de santos, que vão ser chamados pejorativamente de curandeiros.

[LOCUÇÃO]

É claro que a elite carioca ia reagir.

[MÚSICA] 6

Música com pegada mais tensa, para ilustrar a perseguição policial. Fica no fundo da locução, da leitura e da fala da entrevista.

[LOCUÇÃO]

A lei publicada em 1839 e reproduzida no jornal O Sete de Abril não deixa dúvidas sobre a perseguição policial e a clandestinidade dos zungus.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Artigo sétimo: são proibidas as casas conhecidas vulgarmente pelo nome de casas de zungu e batuques. Os donos ou chefes de tais casas serão punidos com a pena

de 8 dias de prisão e 30 mil réis de multa. Nas reincidências, 30 dias de prisão e 60 mil réis de multa.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[32:09 a 32:48]

Eu posso citar aqui uma figura que eu me encantei e passei um bom tempo indo atrás dele. Laurentino Inocêncio dos Santos. Um brasileiro, preto, provavelmente filho de africano, que em 1878 está sendo preso por ser dono de zungu. Em 1879 já tinha sido preso mais duas vezes pelo mesmo subdelegado por ser considerado um grande curandeiro na freguesia da Glória. É o mesmo período que está atuando no Rio de Janeiro o que ficou conhecido pela imprensa e no Brasil inteiro, o afamado Juca Rosa. Ou seja, o grande pai de santo do Império.

[32:56 a 33:15]

Como também, para a gente pegar uma mulher desse mesmo contexto, Leopoldina Giácomo, que ficou conhecida nos jornais como a Rainha Mandinga. Ela era uma preta mina que, ao ser presa, ela está grávida e a violência na casa dela foi muito grande.

[34:56 a 35:15]

Então, só para a gente ver como esse Rio é disputado palmo a palmo por essas lideranças, enfim... africanas e brasileiras que estão no comando dessas casas que eu costumo chamar de afro-cariocas, para a gente entender como elas vão nascendo nesse espaço da cidade.

[LOCUÇÃO]

As lideranças resistiam e continuavam acolhendo a população negra. Inclusive escravizados que fugiam e costumavam se esconder nos zungus, como mostra esse anúncio no Diário do Rio de Janeiro em 1834.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Desapareceu no dia 2 do mês corrente um preto barbeiro, de 18 a 20 anos. Costuma dormir pelos zungus como o da Ilha Seca, da Guarda Velha e da Rua de São Joaquim. Chama-se Lourenço de Benguela, levava calça de riscado azul, jaqueta de pano da mesma cor e uma bacia de arame. Quem dele der notícia certa na Rua da Misericórdia número 99, na loja de barbeiro de Domingos dos Santos, que é seu senhor, receberá 30 mil réis sendo o preto preso no zungu, e sendo fora 15 mil, tudo em metal.

[LOCUÇÃO]

A perseguição a um jovem como Lourenço de Benguela valia também pra mulheres como Maria Mina, que escapou do seu escravizador e, segundo o jornal, ia passando de um zungu pro outro sem ser encontrada.

[LOCUÇÃO ADICIONAL]

Maria, de nação Mina, aluga quartos nas casas de zungus. Roga-se mais expressamente aos delegados de polícia e recomendamos aos inspetores de quarteirão para examinarem as casas de seus distritos que costumam alugar quartos. De certo em algumas destas ela será encontrada, como já em outra ocasião o fez numa casa da rua da Vala.

[LOCUÇÃO]

Não à toa, a palavra zungu, nas línguas do tronco banto, pode ser entendida como “toca”, ou “buraco”. Um esconderijo pra escravizados em fuga, que também servia como lugar de moradia, de alimentação, de práticas religiosas, de resistência cultural. Uma herança que tá no nosso cotidiano até hoje.

[MÚSICA] 6

Fim da música.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[13:31 a 13:50]

Eu tenho há muitos anos trabalhado e pesquisado práticas sagradas afro-brasileiras, mas eu costumo falar para os meus alunos que não tem uma instituição religiosa hoje no Brasil que não esteja intimamente marcada por essa presença africana.

[LOCUÇÃO]

Nos templos evangélicos, por exemplo.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[13:50 a 14:24]

Eu falo para o meu aluno muitas das vezes que está lá na igreja pentecostal dele, do bairro dele, que todo aquele gestual que ele está fazendo, que toda aquela

expressividade corporal, porque aquilo não veio da Europa. Aquilo é África na sua essência. A maneira de louvar, de cantar, de dançar, com o corpo, isso é africano, porque é como os deuses se comunicavam, é como o povo africano se comunicava com suas divindades, fossem orixás, inquices, voduns, ou seus ancestrais divinizados.

[LOCUÇÃO]

Essa influência também tá presente na igreja católica.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[16:01 a 16:21]

O nosso catolicismo é africano. **[tirar a respiração da Jamille]** É africanizado, é africano. Não por acaso, na segunda metade do Século 20, a Igreja Católica faz um processo de romanização da Igreja, enviando para cá milhares de padres italianos numa tentativa de aproximar a Igreja Brasileira dos princípios romanos.

[LOCUÇÃO]

Os viajantes da época nem sempre percebiam que essa influência africana já tava presente na época da colonização.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[21:55 a 23:12]

Eu recomendo muito, muito, que quem está nos ouvindo agora pegue uma gravura incrível do Debret, que é chamada "Negras Novas Indo ao Batismo". Debret pinta negras recém desembarcadas, segundo ele, no Brasil, indo para o batismo. Eu tenho para mim que o Debré errou feio ao fazer essa interpretação porque quando você olha nessa pintura tem um padre esperando na porta da igreja, um padre negro, que é extremamente significativo, ou seja, a gente está falando de alguém que conhece dos costumes que ele está recebendo, e essas negras estão com as suas cabeças raspadas, as suas crianças no seu colo também, e elas estão vestidas tipicamente como uma atual saída de santo. A roupa é idêntica. Ou seja, essas pessoas dos dois lados do Atlântico se apropriam desse espaço da igreja, recriam esse espaço da igreja para uma nova prática religiosa, que mais tarde aqui a gente vai acabar chamando de umbanda, vai, enfim, e vão ser também as religiões afro-brasileiras, mas... esse espaço sagrado é dominado por esses africanos e por seus

descendentes, e essa dominação passa também por dentro da igreja, não tenho a menor dúvida disso.

[LOCUÇÃO]

Isso não vale só pra religião, vale pra tudo. Até pro jeito como a gente se expressa hoje em dia.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[11:49 a 12:08]

Ninguém aqui no Brasil chama o irmão mais novo de Benjamin. Aqui a gente chama de caçula, que vem do quimbundo, que vem do quicongo. Ou seja, É, ninguém aqui chama aquele bichinho maior que a abelha, pretinho, que tem um ferrão tremendo de vespa, a gente chama de marimbondo, é camundongo, é pernilongo, é canga, miçanga.

[13:14 a 13:31]

Então, são expressões que a gente usa no nosso dia a dia, que fazem parte desse processo civilizatório africano, a nossa maneira de pensar, a nossa maneira de falar, a nossa maneira de agir, a nossa maneira de entender o mundo.

[LOCUÇÃO]

Ou seja. A Travessia do Atlântico foi um processo violento e doloroso. Mas a presença africana no Rio de Janeiro e no Brasil tem um caráter civilizatório. Não no sentido do senso comum, de doutrinar o que é considerado selvagem. Mas no sentido de imprimir costumes e práticas. Então se você ainda acha que só o europeu é capaz de civilizar, eu espero que esse episódio tenha te mostrado o caminho inverso.

[MÚSICA] 7

Tema minimalista, que depois vai se transformar no tema de encerramento.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[14:40 a 15:17]

Para qualquer canto da nossa sociedade que a gente quiser observar, a gente vai ver essa presença marcante, civilizatória, africana e crioula, que é como os filhos de africanos eram chamados aqui no Brasil até o século 19. A palavra crioula não tem o mesmo significado pejorativo que tem hoje. Então, africanos e seus filhos, ou seja,



seus descendentes, os que aqui foram nascendo, os brasileiros, descendentes de africanos, foram civilizando também essa nação e dando as características que o Brasil tem hoje.

[MÚSICA] 7

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Eu queria agradecer ao professor Eduardo Possidônio por ter ajudado a gente a começar essa viagem pelo Rio Atlântico.

[EDUARDO POSSIDÔNIO]

[45:38 a 46:08]

Eu que agradeço, acho que é sempre bom a gente poder falar da nossa história, poder falar das nossas origens e, principalmente, dessa conexão tão intensa que é o Brasil e o continente africano. **[CORTAR]** *Como dizia o embaixador, o saudoso embaixador que nos deixou.* É um Rio chamado Atlântico mesmo, ou seja, é muito curto, dado os encontros que foram possíveis nesses anos, marcado por essas trocas. Obrigado, gente.

[MÚSICA] 7

Virada na música. Tema de encerramento.

A música fica um pouco.

[LOCUÇÃO]

Esse foi o episódio de abertura da quinta temporada do podcast Rio Memórias. Você pode se aprofundar no assunto visitando o nosso museu virtual em riomemorias.com.br. Lá você encontra a galeria Rio Atlântico, que vai guiar os seis episódios da temporada. Conta pra gente o que você achou. A nossa @ é [riomemorias](https://www.instagram.com/riomemorias) no instagram. Avalia o podcast no seu aplicativo, e espalha os episódios por aí.

[LOCUÇÃO]

Hoje você ouviu áudios do canal Enfrente e da Unidos do Viradouro.

[LOCUÇÃO]



Eu sou a Gabriela Montoni, historiadora e apresentadora desse podcast, que é produzido pela Escuta Aqui. A coordenação é do Rodrigo Alves, que grava as locuções adicionais e escreve os roteiros. A supervisão de roteiro é do Thales Ramos.

[LOCUÇÃO]

A Jamille Bullé faz as entrevistas e as gravações externas. A Clara Costa faz a montagem, a edição e a sonorização. A Giovanna Orsini é a assistente de edição. A trilha sonora é do Gabriel Falcão. A pesquisa histórica é do Davi Aroeira.

[LOCUÇÃO]

As minhas locuções são gravadas no estúdio Frango no Bafo, em Belo Horizonte. As entrevistas e as locuções adicionais são gravadas no estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com supervisão técnica do Danny Dee. A temporada tá só começando. Obrigada, e até o próximo episódio!

[PATROCINADORES]

Essa temporada do podcast é patrocinada pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e pelas empresas Norsul, Modal, Impulso e Kasznar Leonardos. Até o próximo episódio!

[FIM DO EPISÓDIO]